

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUSTTAVO GUTH

ROCHA POMBO: IMAGINÁRIO REPUBLICANO EM PETRUCELLO NA VIRADA DO
SÉCULO XIX PARA O XX

CURITIBA

2019

GUSTTAVO GUTH

ROCHA POMBO: IMAGINÁRIO REPUBLICANO EM PETRUCELLO NA VIRADA DO
SÉCULO XIX PARA O XX

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Direito, Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador Professor: Prof. Dr. Luís Fernando Lopes Pereira.

CURITIBA

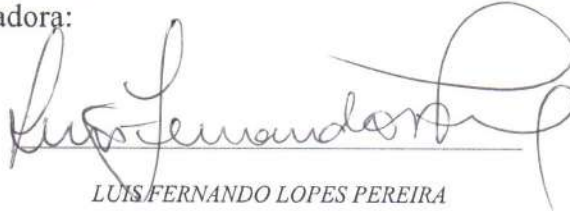
2019

TERMO DE APROVAÇÃO

GUSTTAVO GUTH

Rocha Pombo: imaginário republicano em Petrucello na virada do século XIX para o XX

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de Graduação no Curso de Direito, da Faculdade de Direito, Setor de Ciências jurídicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



LUIS FERNANDO LOPES PEREIRA
Orientador

Coorientador



DANIELLE REGINA WOBETO DE ARAUJO
Primeiro Membro



THIAGO HANSEN
Segundo Membro

Rocha Pombo: imaginário republicano em *Petrucello* na virada do século XIX para o XX

Gusttavo Guth

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo examinar o enredo de *Petrucello*, romance publicado em 1892 pelo escritor paranaense José Francisco de Rocha Pombo (1857-1933), com vistas a verificar possíveis relações entre o contexto social e político da proclamação da República, época em que o autor escrevia o romance, e as suas próprias impressões, presentes no livro, a respeito de certos aspectos deste processo histórico, como o militarismo, o liberalismo e o capitalismo. Da mesma forma, planeja-se estudar as relações entre alguns ideais utópicos desenvolvidos na narrativa e a posterior aproximação que Rocha Pombo teve com o movimento anarquista no país, o qual começava a se estruturar como uma reação ao domínio excludente que as elites exerciam sobre as camadas populares. Como conclusão, demonstra-se que o romance, ainda que possua caráter fictício, auxilia na compreensão do que foi o surgimento do regime republicano brasileiro: uma mudança política oligárquica e demofóbica.

Palavras-chave: Rocha Pombo. Paraná. República. Anarquismo.

ABSTRACT

This paper aims to examine *Petrucello*, a novel published in 1892 by José Francisco de Rocha Pombo (1857-1933), in order to verify the possible relations between the social and political context of the proclamation of Republic, when the author wrote the novel, and his own impressions about some aspects of this historical process, such as militarism, liberalism and capitalism. Following, it is planned to study the links between some utopian ideals developed in the narrative and the later approach that Rocha Pombo had with anarchism, a movement that was structured as a reaction to the exclusionary domain exercised by the elites over the popular classes. In conclusion, it is demonstrated that the novel, although it has a fictional character, contributes to the understanding of what was the emergence of the Brazilian republican regime: an oligarchic and demophobic political change.

Keywords: Rocha Pombo. Paraná. Republic. Anarchism.

Foi tecida de crepe a vida de Rocha Pombo. Ela é rôxa, tem qualquer coisa de túmulo. Sempre foi assim. A dôr o buscara como seu efeito, e desdobrar-se-ia na gama completa dos suplícios: viera, êle, para expiações tremendas.¹

Valfrido Piloto

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa divide-se em três partes. Na primeira, a ideia é situar Rocha Pombo no momento histórico em que viveu, resgatar alguns dados biográficos e relacioná-lo com *Petrucello* e o período de sua redação.

Em seguida, na segunda parte, avalia-se o modo pelo qual se deu a instauração do regime republicano brasileiro, com caráter inicialmente militar, e os reflexos na opinião política do romancista, a partir de seu protagonista. Da mesma forma, são examinados o imaginário brasileiro na virada do século XIX para o século XX, quando os valores capitalistas, sob o signo da modernidade, espalhavam-se pelo país, e os efeitos deste contexto na escrita da narrativa.

Na terceira parte, por fim, são estudadas as relações entre a trajetória biográfica do paranaense e o movimento anarquista que à época se estruturava no país para, assim, compreender a utopia *Cidade dos Homens* imaginada no livro.

As fontes utilizadas nesta pesquisa são variadas, vão desde as obras de época, em particular biográficas, para embasar a pesquisa a respeito da trajetória de Rocha Pombo, como Piloto (1947, 1953 e 1983), Cardim (1958), Victor (1969) e Muricy (1973), até uma bibliografia sobre história regional, com Valente (1992), Queluz (1994), Pereira (1998), Corrêa (2006), Bega (2013) e Oliveira (2015), sem desprezar o clássico de Romário Martins, *História do Paraná*, publicado em 1899. Para o paralelo com o momento republicano nacional recorreu-se a José Murilo de Carvalho (2009 e 2013). No demais, o foco foi o romance *Petrucello*.

Para a análise dos periódicos locais, utilizados para examinar as opiniões políticas de Rocha Pombo e as discussões literárias na virada do século XIX para o XX, foram consultados o acervo físico da Biblioteca Pública do Paraná, na divisão de documentação paranaense, e o acervo digital de jornais e revistas organizado pela Biblioteca Nacional.²

1 PILOTO, Valfrido. **Rocha Pombo**. Curitiba: Gráfica Mundial Ltda., 1953, p. 7.

2 Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

1. UM REPUBLICANO POPULAR E OS SINAIS DE SUA DESILUSÃO: A ESCRITA DE PETRUCELLO

José Francisco de Rocha Pombo nasceu na cidade de Morretes, no litoral do Paraná, em 4 de dezembro de 1857, filho de um professor primário, Manuel Francisco Pombo, e de sua esposa, Angélica Rocha Pombo.

Em 1875, com 18 anos, substituiu o pai no exercício do magistério ensinando o “a b c” às crianças de Anhaia, simples lugarejo nos subúrbios da cidade. Aos 22 anos, sendo autodidata, passou a se dedicar à vida pública com a fundação de seu primeiro jornal, *O Povo: órgão dedicado a cauza popular*, no ano de 1879, a partir do qual iniciou a propaganda republicana no Paraná.³ Rocha Pombo defendia, sobretudo, a liberdade da população:

Mas nos queremos garantia plena de nossos direitos sociaes, queremos liberdade de consciencia, liberdade de cultos, liberdade de animo, secularisação de cemiterios, casamento civil, emfim libertar-nos do poder clerical, queremos tomar parte, preponderar na governação do paiz, ou antes governar-nos a nos mesmos: queremos tudo isso, e mais do que isso, mas o rei não quer... (...) O que fazer pois? O povo soffre a oppressao, sem achar, sem poder lançar mao de remedio algum... perante o rei nao ha vontade, nao ha poder...⁴

Dez anos antes da proclamação da República, assim, foi o precursor das críticas na imprensa paranaense ao sistema político imperial e à escravidão, além da defesa de ideais republicanos.⁵ Obstinado por “justiça social”, acreditava que o jornalismo seria um meio possível para promovê-la.⁶

Em 1880, decidiu mudar-se para Curitiba, quando também começou a escrever trabalhos literários. No ano seguinte, publicou o seu primeiro livro, *A Honra do Barão*, impresso por ele próprio e considerado por Valfrido Piloto um “romance de francas

3 VICTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. Vol. III. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969, p. 62-63.

4 POMBO, José Francisco de Rocha. **O Povo: orgao dedicado a cauza popular**. Morretes, p. 1. 06 jul. 1879.

5 Segundo Maria Tarcisa Silva Bega, Rocha Pombo foi, nos primeiros 20 anos de trabalhos na imprensa, “um dos jornalistas de maior expressão, quer como fundador do primeiro jornal abolicionista em Morretes em 1879, quer pela direção de outros, ao longo da década de 1880, em Curitiba. Sua atuação foi sempre a de produzir um jornalismo político de militância republicana e abolicionista (...)” (BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba: Editora UFPR, 2013, p. 79).

6 VICTOR, op. cit., p. 60.

tendências democráticas”.⁷ Em seguida, publicou o romance *Dadá ou a boa filha* (1882) e os ensaios *A Supremacia do Ideal* (1882) e *A Religião do Belo* (1883).

Para o seu amigo, o crítico literário Nestor Victor, naquele momento, “nenhum paranaense subira intelectualmente tão alto perante a opinião de seu meio, nenhum fizera carreira tão vertiginosa na imprensa e nas letras”.⁸

Em 1883, Rocha Pombo passou a morar em Castro, no centro do Paraná, onde se casou com Carmelita Madureira Azambuja, filha de fazendeiros da região. No mesmo ano, fundou na cidade o semanário *Echo dos Campos*, em cuja primeira edição destacou os seus propósitos com o novo projeto:

A nossa missão é a que cabe à imprensa em todo o mundo. Espalhar ideas, lutar pela victoria dos bons principios; defender os interesses geraes da industria, da lavoura, do commercio; pôr-se ao lado da justiça e da liberdade; contribuir finalmente para o progresso de todas as instituições sociaes... eis ahi: é essa a tarefa sublimada da imprensa moderna. Não pode deixar de ser também a nossa.⁹

Mais tarde, retornou à Curitiba e continuou a atividade jornalística por meio da redação da *Gazeta Paranaense* (1886) e do *Diário Popular* (1887).¹⁰

No ano de 1889, contudo, foi proclamada a República no Brasil, fato que marcou a trajetória biográfica do paranaense. Segundo ele, os acontecimentos de 15 de novembro “produziram surpresa geral no país; e as primeiras impressões em toda parte foram de susto e incredulidade”.¹¹ A mudança de regime político, sustentada a partir da supressão da liberdade de imprensa,¹² dava início a uma “ditadura, armada de poderes excepcionais,” que se distanciava dos limites das leis.¹³

Assim, a administração da nascente República se estruturou não por meio da legitimação popular, mas a partir da nomeação de militares aos cargos políticos de comando. No Paraná, conforme assinalou Romário Martins, ainda no dia 15 de novembro daquele ano, a oficialidade da Brigada de Curitiba telegrafou sua adesão ao movimento militar que irrompera no Rio de Janeiro¹⁴ e, apenas dois dias mais tarde, foi realizada oficialmente a transformação

7 PILOTO, op. cit., p. 15.

8 VICTOR, op. cit., p. 63.

9 POMBO, José Francisco de Rocha. **Echo dos Campos**. Castro, p. 1. 17 mar. 1883.

10 MURICY, José Cândido de Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 2 ed. Vol. I. Brasília: Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973, p. 139.

11 POMBO, José Francisco de Rocha. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Melhoramentos, [20--], p. 471.

12 Ibidem, p. 467.

13 Ibidem, p. 473.

14 MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. 429.

do regime nas terras paranaenses com a nomeação do Coronel Francisco José Cardoso Júnior para o cargo de governador geral do Estado.¹⁵

Diante deste cenário de mudanças repentinas, em 1891, Rocha Pombo decidiu escrever o romance *Petrucello*, publicado no ano seguinte pela Tipografia da Companhia Impressora Paranaense.¹⁶

Ambientado nas décadas finais do século XIX, o livro relata a história de Antonio Petrucello, um comerciante florentino que, sentindo-se desolado em sua sociedade e com vontade de viver grandes emoções, decide subitamente abandonar a esposa, Marietta, e seu pequeno filho, Carlo, para conhecer outros países e viajar rumo ao Oriente.

Conforme será visto, *Petrucello* apresenta-se como um reflexo do ambiente de desilusão republicana em que passou a viver Rocha Pombo.

2 AS DECEPÇÕES DE ROCHA POMBO COM A MODERNIDADE

2.1 REPÚBLICA MILITAR E A POLÍTICA COMO O “GRANDE MAL DA AMÉRICA”

Quando Antonio Petrucello chegou ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, “teve um desanimo de morte”. Ainda sem conseguir se comunicar com as pessoas que moravam naquelas terras estranhas, “onde lhe haviam dito que se operava um bem pronunciado movimento de renascença litteraria e artistica”, enxergou a realidade do país logo na primeira passagem pela rua do Ouvidor: de um lado, os poucos que possuíam dinheiro e eram prósperos o encaravam com desdém; de outro, os vários sujeitos que se encontravam em

¹⁵ Ibidem, p. 404.

¹⁶ Com vistas a apurar a recepção e o impacto da publicação de *Petrucello* perante o público, foi realizada pesquisa nas revistas simbolistas curitibanas fundadas entre 1890 e 1910, tendo em vista que o romance foi publicado em Curitiba no final do século XIX e Rocha Pombo é considerado, pela crítica literária da época, como integrante da corrente simbolista, especialmente em razão de outro romance por ele publicado, em 1905, chamado *No Hospício* (MURICY, 1973, vol. I, p. 139). Com base na lista de revistas simbolistas curitibanas elaborada por Andrade Muricy (MURICY, 1973, vol. II, p. 1208-1211), foram analisadas as seguintes: *Club Curytibano* (1890-1896; 1903), *Revista Azul* (1893), *O Cenaculo* (1895-1897), *A Penna* (1897), *O Sapo* (1898-1900), *Jerusalem* (1898-1902), *Esphynges* (1899-1906), *Pallivm* (1898; 1900), *Breviario* (1900), *Turris Eburnea* (1900), *Azul* (1900), *Stellario* (1905-1906) e *Victrix* (1902-1903); as revistas *O Artista* (1892), *Galaxia* (1897) e *Acacia* (1901) não foram encontradas nos acervos consultados. Como resultado, foram constatadas uma menção à obra *Petrucello* na edição nº 5 de *O Cenaculo*, datada em agosto de 1895, ocasião em que Silveira Netto, discorrendo sobre a trajetória biográfica de Rocha Pombo, apenas assinala a publicação do romance (p. 124), e outra menção na edição nº 17 de *O Sapo*, datada em maio de 1900, em que *Petrucello* é referido como uma das obras, dentre várias outras, do escritor paranaense (p. 2). Portanto, observam-se indícios de que o romance de Rocha Pombo pode não ter causado impacto perante o público da época, visto que, pelo recorte específico da pesquisa, não figurava nos debates literários daquele momento.

completa miséria, “submissos a todas as provações da dignidade e da vergonha”, entristeciam-no.¹⁷

A aflição aumentou quando se deu conta de que as pessoas que viviam diariamente “à espera de quem lhes trouxesse lama nas botas para ganhar o seu vintem” vinham todas, como ele, da Itália. Encontrou portugueses, franceses, alemães e espanhóis em difíceis condições de trabalho, mas empregados em serviço “que nunca deshonra nem avilta”. Pelo contrário, percebeu que “só italianos lustram botas e disfarçam esmolas às portas dos hotéis...”.¹⁸

Porém, o contexto social da cidade brasileira no final do século XIX, embora angustiante, não surpreendia o protagonista. Levando consigo anotações sobre as viagens que fazia, ele já havia refletido sobre ideias gerais a respeito das sociedades modernas de seu tempo, em uma obra que pretendia concluir e chamar de *Problemas*.

A partir dela, em um capítulo denominado *Questões sociaes*, escreveu por exemplo que “muitos males julgados irremediáveis nas sociedades actuaes são oriundos das vastas e compactas aglomerações de população”, em que toda a produção das classes trabalhadoras é absorvida pelas classes especuladoras.¹⁹

De fato, quando o romance foi escrito no início da década de 1890, o Rio de Janeiro enfrentava graves problemas sociais. A abolição da escravidão em 1888 havia transferido a mão de obra escrava para o mercado de trabalho livre, o que aumentou o número de pessoas subempregadas e desempregadas. Ao mesmo tempo, houve um aumento na imigração estrangeira. Segundo o *Anuario Estatístico do Brazil (1908-1912)*, em 1890, 28,7% da população residente na cidade era nascida no exterior e cerca de 100 mil pessoas trabalhavam em serviços mal remunerados ou não possuíam ocupação fixa.²⁰

Nesse contexto, o governo imperial – e mais tarde o governo provisório republicano – passou a permitir a emissão de dinheiro sem nenhum lastro pelos bancos, visto que os cafeicultores, principalmente do estado do Rio de Janeiro, precisavam de moeda para o pagamento dos novos salários. Contudo, em razão disso, a cidade afundou-se em uma intensa febre especulativa. Para José Murilo de Carvalho,

17 POMBO, José Francisco de Rocha. **Petrucello**. Curitiba: Typ. da Companhia Impressora Paranaense, 1892, p. 48.

18 POMBO, loc. cit.

19 Ibidem, p. 26.

20 CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 16-17.

Os anos de 1890 e 1891 foram de loucura, segundo a expressão de um observador estrangeiro, o qual acrescenta ter havido corretores que obtinham lucros diários de 50 a 100 contos e que uma oscilação do câmbio fazia e desfazia milionários. Por dois anos, o novo regime pareceu uma autêntica república de banqueiros, onde a lei era enriquecer a todo custo com dinheiro de especulação.²¹

Assim, o movimento político republicano acabou se fortalecendo no Brasil, com a proclamação da República em 1889, em face de uma sociedade extremamente desigual e hierarquizada, em um período de intensa especulação financeira, de modo que, ao invés de nascer dos anseios populares, a mudança de regime surgiu da agitação dos especuladores.²²

Os militares, que lideraram este movimento, receberam pela primeira vez o apoio das elites regionais, visto que os partidos conservador e liberal do Império já estavam desgastados pelos problemas sociais e econômicos anteriores à proclamação.²³ Na época, via-se a política imperial como arcaica²⁴ e a República surgia como um símbolo de progresso e de uma nova sociedade, cujas bases seriam a indústria e o desenvolvimento tecnológico.²⁵

Ocorre que este grupo de militares, liderado por Deodoro da Fonseca, não possuía uma visão elaborada de República, de modo que o que mais os interessava era simplesmente a posição de prestígio e poder que poderiam alcançar no comando político do país. Nesse sentido, tinham como fim a “eliminação de um regime que, segundo eles, era dominado por uma elite bacharelesca infensa aos interesses castrenses, desrespeitosa dos brios militares” e, portanto, este movimento político surgia como um assunto exclusivamente militar e alheio à população civil.²⁶

Assim, a República no Brasil nasceu a partir da movimentação de militares organizados em posições de hierarquia, que concebiam o poder político como uma possibilidade de satisfação de benefícios privados, de sorte que no Rio de Janeiro, em 1889,

21 Ibidem, p. 20.

22 CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 29-30.

23 PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo: o Paraná inventado**; cultura e imaginário no Paraná da I República. 2 ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 29.

24 Conforme destaca Caio Prado Júnior, “A evolução política progressista do Império corresponde assim, no terreno econômico, à integração sucessiva do país numa forma produtiva superior: a forma capitalista. As instituições primitivas como a escravidão, herdadas da antiga colônia, são varridas pelas novas forças produtivas que se vão formando e desenvolvendo no correr do século passado.” (PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil**; Colônia e Império. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 99).

25 PEREIRA, op. cit., p. 25-26.

26 CARVALHO, 2009, p. 38-39.

uma “simples passeata militar”,²⁷ que foi como a população compreendeu este ato político já que estava dele excluída, foi capaz de desestruturar o Império.

A partir disso, instaurado o novo regime, em meio à crise social e econômica da cidade, os militares, insertos em uma lógica autoritária, passaram a reprimir camadas da população consideradas rebeldes ou que de algum modo prejudicavam os interesses da República; vale dizer: “julgaram-se donos e salvadores da República, com o direito de intervir assim que lhes parecesse conveniente”²⁸.

Desse modo, por exemplo, foram empreendidas perseguições contra os capoeiras e os bicheiros, a população negra e pobre foi cada vez mais marginalizada e até o mais famoso cortiço da região, a *Cabeça de Porco*, foi completamente destruído em 1892 pelo prefeito florianista Barata Ribeiro.²⁹

Rocha Pombo havia percebido o autoritarismo da nascente República militar³⁰ e, por meio da literatura, parece ter denunciado este cenário. Em *Petruccello*, o protagonista, depois de refletir sobre alguns aspectos da sociedade moderna, a partir de um capítulo chamado *Escravidão militar*, defendeu a “necessidade da abolição da guerra e das instituições militares” já que o exército seria “hoje uma força desperdiçada, um fardo inútil com que luctam os povos – e isto quando não é ainda o espantinho da liberdade e da paz”.³¹

Em outra passagem do romance, quando Antonio Petruccello é forçado a fugir do Chile em razão de uma revolução que irrompeu no país e deu origem a uma violenta ditadura, sendo obrigado a “escapar a Balmaceda, a ganhar terra argentina pelas Cordilheiras, em viagem

27 PRADO JÚNIOR, op. cit., p. 102.

28 CARVALHO, 2013, p. 22.

29 Ibidem, p. 30-31.

30 A título exemplificativo, já em 1888, o paranaense dava indícios de sua postura antimilitarista, posicionando-se contrário ao exército, em um episódio específico relacionado a certo comandante da brigada local. É o que se deduz das críticas que recebeu na edição nº 201 do jornal *Gazeta Paranaense*, de 12 de setembro de 1888, em que foi publicado que “pela segunda vez o ‘mal das vinhas’, o Sr. Rocha Pombo intromete-se na administração militar d’esta província (...) Poder haver mais pretensão, maior atrevimento, mais falta de educação na linguagem e tão pouco critério no exercício da tão difícil profissão de jornalista? (...) Rocha Pombo um eira sem beira, um quase analfabeto que quer dizer uma coisa e diz outra, um pescador de águas turvas arvorado em jornalista e é por esse imbecil, desacatado e injuriado sem o menor fundamento, levemente em um pasquim (...) É um parasita da imprensa, um illustre desconhecido...” (CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política no Paraná**: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006, p. 81).

31 POMBO, op. cit., p. 26.

penosíssima e cheia de perigos”, encontrou no Rio de Janeiro, em novembro de 1889, uma “sociedade em barafunda”.³²

Assim, o escritor parecia sentir-se descrente em relação à forma como o grupo militar implantou o regime republicano no país, visto que apresentou o Exército como uma instituição desnecessária, que por seu autoritarismo e violência manteve a sociedade fluminense em decadência. Nesse contexto, diante da completa mudança operada na cidade, “Petruccello ia cumprindo o seu triste e improbo fadario de meditações”.³³

Além disso, pode-se notar no romance a imagem intransigente que os militares transmitiam à população. Assim que o protagonista retornou à cidade, em meio à alteração do regime, encontrou seus antigos conhecidos com uma postura diferente: postos em cargos superiores e cheios de orgulho, não mais o cumprimentavam e tampouco o conheciam, afinal Petruccello não pertencia ao restrito grupo dos novos membros do governo. Nesse sentido, é marcante a sua visão a respeito do general Camarão:

Muitos dos antigos conhecidos, colegas de imprensa, filantes de almoços no Londres... nem mais se dignavam de saudá-lo, elevados á novas posições. Um major Camarão... sempre tão amigo de todos os rapazes da imprensa, homem de sangue na guelra e de estomago e touço para todas as pandegas... antigamente amigo íntimo e admirador entusiasta do digno compatriota do Dante, como lhe haviam ensinado a dizer... esse major era agora o bravo general Camarão e passava junto de Petruccello muito empertigado, impante de orgulho, e carregando os sobr'olhos como quem diz – Tudo isto sou eu...³⁴

Surpreendido por este contexto, a Petruccello restava apenas estudá-lo e dele obter ensinamentos, visto que se deparava com uma “sociedade nova, onde as tradições nada teem erigido de firme”.³⁵

Nessa época de intensas mudanças e agitações, os militares, além de exercerem uma política essencialmente autoritária, também procuraram fortalecer os vínculos com as oligarquias dos estados para que o federalismo³⁶ da nascente República não levasse à desintegração da nova nação que se pretendia construir. Dessa forma, abriu-se espaço para a

32 Ibidem, p. 80-81.

33 POMBO, loc. cit.

34 POMBO, loc. cit.

35 POMBO, loc. cit.

36 Inspirada na Constituição estadunidense, a Constituição brasileira de 1891 consagrou o federalismo e a República liberal, “tendo como chave a autonomia dos Estados sob os moldes que desejavam paulistas e mineiros e contrário ao ultrafederalismo defendido pelos positivistas gaúchos.” (PEREIRA, op. cit., p. 41).

construção de regionalismos, a partir dos quais as elites exerciam seu domínio local e, ao mesmo tempo, tinham participação no poder nacional.³⁷

Contudo, os chefes políticos dos estados acabavam por manipular, com frequência, os resultados das eleições, sendo eleitos os candidatos que eram favorecidos por seu prestígio.³⁸ Assim, sem ter de prestar contas a um eleitorado autêntico, a política tornou-se espaço “para os arranjos particularistas, para as barganhas pessoais, para o tribofe, para a corrupção”, ou seja, os militares procuravam limitar a participação democrática da população sob o signo da ordem social, com violência e autoridade, mas desse modo levaram à própria política a concentração de poder e a desordem.³⁹

Mesmo com a abolição da escravidão, a sociedade brasileira permanecia marcada por desigualdades profundas. A ideologia liberal, vencedora no processo de transição do Império para a República, trouxe a legitimação necessária para se estabelecer um regime que consagrasse a pobreza e a miséria da população com o fundamento de “sanção da lei do mais forte”.⁴⁰

Diante deste panorama, Rocha Pombo mostrou-se desencantado com a política republicana. Valfrido Piloto, discorrendo sobre a crônica *Para a História*, escrita por aquele no início da década de 1890 e à época ainda inédita aos olhos do público, revelou a sua posição a respeito deste regime:

Nos registos daquele observador atilado, vamos encontrar estas revelações: ‘Para quantos não são republicanos só para as posições e os proveitos pessoais, a República, que nascera errada, mais errada ficou ainda com as consequências do golpe de Estado que deu em terra com o marechal Deodoro. E portanto, esses esperavam que a revolução viesse corrigir os erros e as iniquidades que tanto comprometiam as instituições, e alienavam daquela política inteiramente divorciada do ideal democrático, da lei e da justiça, as simpatias populares.’⁴¹

Da mesma forma, a frustração política do escritor é perceptível em *Petruccello*. Quando o protagonista desembarca no Rio de Janeiro e se depara com a realidade da cidade, onde grande parte da população sofria abatida os males do novo regime, observa que “cada vez é

37 PEREIRA, op. cit., p. 52-53.

38 CARDIM, Elmano. **Rocha Pombo, o Escritor e o Historiador**. Rio de Janeiro: Gráfica Editôra Jornal do Comércio S. A., 1958, p. 53-54.

39 CARVALHO, 2013, p. 37-38.

40 CARVALHO, 2009, p. 25.

41 PILOTO, Valfrido. Rocha Pombo, testemunha ocular da História. In: **Profanações**. Curitiba: Gráfica Condor, 1947, p. 144.

mais difícil encontrar uma forma de governo que se coadune com os interesses e com a extraordinária vitalidade dos povos”.⁴²

Nesse sentido, se por um lado a República parece se vincular à falta de vitalidade da população, que não tem condições de exercer suas próprias aptidões, por outro lado tem como fim legitimar um clima geral de competitividade entre as pessoas, a partir do qual a luta por riqueza e prestígio se torna a mais importante regra social.

Com essas palavras, Petrucello reflete indignado:

E’ um absurdo suppôr que a facilidade com que nas republicas os homens de todas as classes podem exercer a sua ambição constitua uma prova da excellencia das instituições republicanas. E’ mau um governo ou uma forma de governo que affasta das applicações uteis e fecundas as melhores aptidões. Hoje, em todo o mundo, e especialmente nas republicas agitadas da America Latina, a politica é um vicio peor do que outros muitos vicios que se combate... O melhor governo seria aquelle que conseguisse neutralisar mais a ambição dos homens...⁴³

Rocha Pombo, assim, ressalta o efeito prejudicial da transição do regime político, que influenciou o imaginário social a partir do estímulo à aferição de lucros em detrimento dos interesses coletivos.

É o que se nota também no enredo do romance, quando o italiano, depois de uma viagem por outros países, mais tarde retorna ao Rio de Janeiro e constata que na cidade “as cousas não estavam boas, pois o novo regimen politico (de cuja installação, em novembro de 89, Petrucello tivera noticia no Chile) deslocára uns e fizera emergir outros homens, accendendo ambições e luctas e anarchisando tudo”.⁴⁴

Na sequência, relata-se que ele alugou um quarto de hotel na Tijuca e, de forma reclusa, por mais de cinco meses, trabalhou na conclusão de sua obra *America*, a partir da qual pretendia registrar todas as impressões que teve sobre os povos e os lugares que visitou durante uma viagem “pelas terras do Novo-Mundo”, ocasião em que conheceu os Estados Unidos, o México, o Equador, o Peru, o Chile e a Argentina.⁴⁵

Nesta obra, registrou que enquanto em alguns países ainda se discutia a forma de governo, em outros o regime republicano instituído era “deturpado pelos máus costumes

42 POMBO, op. cit., p. 26.

43 Ibidem, p. 27.

44 Ibidem, p. 80.

45 Vale ressaltar que, mais tarde, em 1900, Rocha Pombo publicaria o livro intitulado *História da América*, em que se propôs a examinar as relações entre a Europa e a América no início da colonização, com vistas a “fazer despertar no coração e na inteligência da juventude a admiração e o amor pelo continente para o fortalecimento de um espírito americano” (CARDIM, op. cit., p. 29-30).

publicos e pelos desregramentos dos partidos políticos”. Assim, após anos de viagens e anotações de suas reflexões, Petrucello enfim conclui que “a política especialmente é o grande mal da America” e que somente no século futuro as nações deste continente poderiam condensar “todas as vitalidades da civilização ocidental”.⁴⁶

O escritor paranaense, portanto, em meio à crise econômica e social que enfrentava o país, desiludido com o autoritarismo dos militares e a política republicana, no final do século XIX, passa a imaginar-se nas ideias e olhares de Antonio Petrucello.

2.2 VALORES BURGUESES E O SENTIMENTO DE EXÍLIO

Com o início da República, novos valores surgiram no seio da sociedade brasileira. A abolição da escravidão, os altos índices de desemprego, as disputas políticas das oligarquias e a grave febre especulativa que atingiu o país, especialmente no Rio de Janeiro, agitaram a população de tal modo a se criar uma busca geral por enriquecimento:

O espírito de especulação, de enriquecimento pessoal a todo custo, denunciado amplamente na imprensa, na tribuna, nos romances, dava ao novo regime uma marca incompatível com a virtude republicana. Em tais circunstâncias, não se podia nem mesmo falar na definição utilitarista do interesse público como a soma dos interesses individuais. Simplesmente não havia preocupação com o público. Predominava a mentalidade predatória, o espírito do capitalismo sem a ética protestante.⁴⁷

Em razão da instabilidade da moeda e do novo regime político que tentava se consolidar, procurava-se constantemente oportunidades de auferir renda, tanto as camadas populares que não encontravam serviços bem remunerados quanto parte das elites que se concentravam em atividades de especulação da moeda. Desse modo, gradativamente, surge no país um “espírito aquisitivo solto de qualquer peia de valores éticos, ou menos de cálculo racional que garantisse a sustentação do lucro a médio prazo”, sendo considerados na época os “heróis do dia” grandes especuladores da bolsa.⁴⁸

Este espírito, assim, acaba por refletir o imaginário do período na medida em que se passa a confiar mais na sorte e no enriquecimento sem esforço do que na obtenção de renda por meio do trabalho honesto.⁴⁹ Segundo Nestor Victor, tratava-se de um momento “agudo de

46 Ibidem, p. 81-82.

47 CARVALHO, 2009, p. 30.

48 CARVALHO, 2013, p. 27.

49 Ibidem, p. 28.

obnubilação moral”, em que “tudo eram empreendimentos e negócios, empreendimentos para os mais ou menos ingênuos, os mais ou menos puros, negócios para os mais ou menos argutos e rapaces”.⁵⁰

Nesse sentido, a ideologia liberal⁵¹ dos republicanos que estavam no poder, cuja influência vinha do modelo político estadunidense, fazia-se sentir no Brasil: o pacto social se efetivaria sob uma perspectiva individualista, a partir da qual o Estado existe para a defesa de interesses particulares.⁵²

A população urbana, então, é neutralizada pelas condutas autoritárias dos militares com vistas a evitar mobilizações políticas, ao mesmo tempo em que a República tenta “fazer da cidade-capital o exemplo de seu poder e de sua pompa, o símbolo, perante a Europa, de seus foros de civilização e progresso”.⁵³ O novo regime, assim, procurou construir um ideal de nação que consagrasse a propriedade privada sob os signos da modernidade⁵⁴, isto é, pela construção de uma sociedade cosmopolita em que os avanços tecnológicos e a paisagem urbana seriam reflexos de um novo modo de vida: o capitalista.

No terreno cultural, aliás, o país encheu-se do “espírito francês da *belle époque*”, visto que recebia continuamente influências dos costumes, da arquitetura, da pintura e da música que advinham da França,⁵⁵ de sorte que, mais do que nunca, “o mundo literário voltou-se para Paris, os poetas sonhavam viver em Paris e, sobretudo, morrer em Paris”.⁵⁶

Porém, a sociedade brasileira, ainda que cultivasse os mais diversos símbolos europeus, encontrava-se repleta de miséria e desigualdade; o regime republicano, portanto, à luz de tais contradições, procurava construir uma realidade fictícia em que a imagem do real pudesse se tornar mais forte do que o próprio real.⁵⁷ Nas palavras de Nestor Victor:

Foi depois, na República, com a infecção *yankee* e germânica, a do mundo industrial e capitalista, enfim, que a megalomania e com ela a corrupção, o rebaixamento do nosso nível moral, acabaram por se pronunciar claramente. Entramos na

50 VICTOR, op. cit., p. 69.

51 Há vasto debate sobre a recepção das ideias liberais no Brasil, desde aqueles que acreditam que elas não possuíam um terreno e um lugar no Brasil, conforme sustenta Roberto Schwarz, até os que defendem a importação destas ideias de forma transplantada e automática para o país. A respeito deste debate, ver: SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 47-64.

52 CARVALHO, 2009, p. 24.

53 CARVALHO, 2013, p. 162.

54 PEREIRA, op. cit., p. 53.

55 BEGA, op. cit., p. 93.

56 CARVALHO, 2013, p. 39.

57 PEREIRA, op. cit., p. 62.

adolescência sob um signo maldito, numa hora em que o mundo inteiro só nos proporciona sugestões maléficas e na idade em que estas são as mais sedutoras.⁵⁸

A partir desta perspectiva, Rocha Pombo também preocupava-se com a transformação dos valores da sociedade brasileira, no final do século XIX, por conta da rápida propagação dos ideais capitalistas. Em *Petruccello*, na medida em que o escritor estabelece os traços da personalidade do protagonista, que se sentia deslocado e em crise de identidade na sociedade florentina, acaba refletindo sobre tais questões.

Durante a narrativa, para justificar a sua viagem de duração indeterminada por diferentes países, o italiano explica a sua esposa, Marietta, que precisava fazer fortuna em outro lugar, porque “hoje, era necessario encarar tudo por outro prisma... Já tinham o seu filho; já lhes pesava a responsabilidade de uma familia, o grande dever de pais...”. Assim, para empreender a viagem, encontra razão nos próprios valores aceitos na época, isto é, a garantia de que ganharia muito dinheiro para cumprir todos os deveres que lhe foram impostos pela sociedade, em decorrência da formação de uma família. Nesse sentido, ele explica:

A vida, filha – disse ainda Petruccello – é cousa grave e solemne demais... O homem precisa de mover-se no mundo... aproveitar seus dias até o fim... O socego, enquanto sente-se em torno a vertigem – seria uma culpa enorme... E’ preciso que os nossos deveres sejam cumpridos... os deveres que Deus nos impoz concedendo-nos a vida... E demais: vê como entre os homens, uns vivem na abastança, prosperam, ilustram-se; ao passo que outros tantos ficam eternamente na penuria... sem bem estar, sem honra para si nem para os seus...⁵⁹

Contudo, Marietta não parece ajustada a estes valores. Acima da riqueza, ela desejava que seu marido nunca se separasse dela, “dizia-lhe sempre que tinha nascido pobre e que de bom grado morreria pobre...”.⁶⁰ Ainda assim, sem outros argumentos, não pôde evitar a separação, momento em que para ela começariam longos anos de tristeza e solidão no interior de sua própria sociedade.⁶¹

58 VICTOR, op. cit., p. 62.

59 POMBO, op. cit., p. 4.

60 Ibidem, p. 3.

61 A escolha do nome Marietta para esta personagem demonstra uma possível conexão entre o romance e a vida pessoal do autor, visto que uma de suas filhas se chamava Marieta (BEGA, op. cit., p. 81). Conforme os relatos de Nestor Victor, esta filha teria falecido quando ainda era criança, o que causou uma imensa tristeza no escritor. Segundo Victor, na década de 1890, “Rocha deu-me a ler umas novas páginas, que imprimira sob o título *Marieta*, e que contavam a história de mais um golpe por ele sofrido com a morte de outra filhinha ao findar essa convulsão geral que ele testemunhara. Eram um tal grito de dor essas laudas, que só se podiam bem explicar como reflexo inconsciente de todos os sofrimentos próprios e circunstanciaes, para os quais a última adversidade sua fazia-lhe achar ocasionalmente expressão.” (VICTOR, op. cit., 71). Aliás, importa notar que no romance em análise uma filha muito nova de Petruccello também havia falecido, o que o deixou “com o coração contrangido horriavelmente” (POMBO, op. cit., p. 47).

Na sequência do enredo, porém, o autor revela que Petrucello, na verdade, não tinha como ambição ganhar dinheiro, mas desejava viajar para escapar ao tédio que sentia em sua cidade, para vivenciar grandes emoções e, dessa forma, edificar a sua alma com diferentes experiências.⁶² Porém, para que isto fosse possível, utilizou-se do discurso materialista dominante na sociedade para não causar estranheza em seus familiares e conhecidos.

Ocorre que a repercussão de sua viagem foi extremamente negativa. A notícia percorreu o bairro em que morava e todos comentavam a sua decisão. Uma tia de Marietta, por exemplo, chegou a exclamar que se tratava de um escândalo, pois somente um “desnaturado” abandonaria a esposa e o filho pequeno, Carlo; ela se espanta: “aquelle homem não é certo... Aquillo não é gente...”.⁶³

Os seus próprios parentes, desde o início, também o consideravam um “typo todo exquisito, mettido nos seus mysterios, incomprehensivel” e que, com esta decisão, mostrava-se o que sempre foi: um “doido”, um “refinadissimo vagabundo que sabia illudir”.⁶⁴

Da mesma forma, D. Catharina, mãe de Marietta, em face de todo o tumulto causado pelo genro, “tinha uns ares de quem ruma vinganças...”. Já convencida de que a viagem seria definitiva, encarando-o “com uns olhos de hyenna”, pensava: “pai miseravel... hypocrita... esposo sem alma... homem ruim... sem Deus, sem nada...”. Porém, assim que lembrava dos 30.000 francos que Petrucello deixaria à esposa para sua sobrevivência, “durante algum tempo abstrahia-se em calculos consoladores...”.⁶⁵

O protagonista, assim, destituído até mesmo de humanidade por seus conterrâneos, tinha como sonho viajar ao Oriente, visto como um lugar místico e totalmente diferente dos padrões ocidentais; ele, durante toda a narrativa, experimentava um “phenomeno extranho: a sensação de quem já está deslocado d’aqui...”. E dessa forma não se importava com o acúmulo de capitais ou bens materiais: se ganhasse dinheiro em sua viagem pela América iria ao Oriente, mas se não ganhasse “ficaria satisfeito levando uma boa carga de elementos para a composição de algumas obras planeadas”, afinal “só a viagem... a separação... a despedida... lhe fariam um bem immenso”.⁶⁶

62 POMBO, op. cit., p. 6.

63 Ibidem, p. 12.

64 Ibidem, p. 14.

65 Ibidem, p. 12-13.

66 Ibidem, p. 9-10.

Petrucello, sentindo-se desolado porque não encontrava ninguém que pensasse como ele, havia sacrificado o convívio com Marietta e Carlo a fim de sentir novas emoções em lugares diferentes que pudessem o acolher. A sociedade ocidental e capitalista já não servia mais para seus sonhos, pois sentia enorme frustração em uma vida resumida a construir vínculos de prestígio e ao enriquecimento a qualquer custo.

Ele procurava expandir os horizontes de sua mente, queria conhecer todos os mistérios do universo, as suas leis e o funcionamento da natureza. Não desejava passar pela vida sem construir algo edificante e que melhorasse a vida das pessoas. Mas, diante deste cenário individualista, em que as pessoas se preocupavam com o luxo e as riquezas, o italiano se via em completo abandono, de modo que “o seu espírito, a principio, adquiriu uma tal aversão ao mundo, uma tão fina e insaciável melancolia e uma excentricidade tal, que elle proprio se incommodava de não comprehender-se a si mesmo...”.⁶⁷

Dessa forma, percebia entre os modernos um “estado de completa desorientação”, em que vigoravam a “depravação na ordem moral” e, ao mesmo, o “deslumbramento produzido pelos progressos da sciencia e da industria”. Não pretendia, por isso, ceder a este meio “impregnado de ouro, de amores, de aventuras mundanas, de ambições torpes, de perfidias e tartufarias...”, afinal seu sonho era, por meio de suas obras, edificar as almas.⁶⁸

O desencanto sentido por Petrucello parece se assimilar às frustrações que Rocha Pombo sentiu durante a sua vida. Segundo Elmano Cardim, o paranaense marcou-se pela “gravidade do seu caráter e o seu amor ao sonho, pelo estoicismo da sua vida e pela abstração do seu idealismo”.⁶⁹ Desiludido, portanto, com o modo pelo qual a República foi proclamada e com a atuação autoritária dos militares, Rocha Pombo, por meio do romance, criticou os valores capitalistas em voga naquela época.

Quando ilustra personagens que buscam a riqueza em detrimento de aspectos morais, por exemplo a partir da figura de Mr. Tissot,⁷⁰ denuncia os traços que o novo regime, liberal e

67 Ibidem, p. 20.

68 Ibidem, p. 44.

69 CARDIM, op. cit., p. 7.

70 Petrucello encontra Mr. Tissot em sua passagem pelo Rio de Janeiro, momento em que os dois decidem montar um escritório de agências. O empreendimento, em razão dos bons vínculos que Mr. Tissot possuía com a elite brasileira, apresenta resultados muito positivos, o que permite que este esbanja toda a sua riqueza em sociedade: “A’ tarde jantaram juntos no *Londres*, e Mr. Tissot ostentou toda a sua habilidade em pedir iguarias boas e vinhos finos. Para impressionar o amigo, o jornalista cumprimentava, o mais familiarmente que lhe éra permitido, a todas as pessoas que entravam ou saíam, dando indicações pomposas: ...este é o senador Fulano... este é o ministro da França... aquelle é o visconde tal... Petrucello estava quasi assombrado.”

oligárquico, passava a impor na sociedade brasileira. Estranho em sua própria sociedade, Petrucello reflete um cenário degradante em que as elites, influenciadas pelo luxuoso modo de vida capitalista e europeu, controlavam a política e, com isso, manipulavam o imaginário social: embora poucos efetivamente alcançassem a riqueza, todos tinham-na como o primeiro e maior objetivo de vida.

Era também este o contexto em que vivia Rocha Pombo. Isolado das elites locais e decepcionado com os valores que existiam na sociedade, acabou por adotar uma postura reclusa em sua produção literária. Para Nestor Victor, “*Petrucello* representava uma criação em que transparece flagrantemente a individualidade do romancista”.⁷¹

Vale lembrar que o escritor havia sido eleito pelo Partido Conservador em 1886 como deputado provincial de Castro para o período de 1886 a 1887. Contudo, as suas propostas foram vistas como idealistas e incompatíveis com os interesses das elites regionais, por isso as mudanças que imaginava para a região não puderam se concretizar.

Nestor Victor relata, por exemplo, que em uma sessão da Assembleia Provincial Rocha Pombo apresentou-se “cheio de projetos” sobre “questões que ele tinha como ‘vitais’ para o nosso progresso”, que foram considerados, porém, “simples ‘ideologias’ aos olhos do Presidente da Província e dos diretores da política regional”.⁷² Romário Martins, historiador paranaense, também assinalou que sua posição idealista e abolicionista “desagradou o conservantismo e irritou o carrantismo da época”.⁷³

Portanto, com uma postura independente dos interesses das elites locais, sem sujeitar-se à disciplina partidária, Rocha Pombo passou brevemente pelo mundo da política, trazendo dela um desencanto marcante.⁷⁴ Nesse sentido, considerado “*criatura sui generis*”, o paranaense parecia sentir-se deslocado na nova sociedade em formação e, tal como Petrucello, pretendia conhecer lugares em que a lógica materialista e oligárquica não prevalecesse:

(...) sonhava ardentemente com uma viagem em que, chegando ao Egito, fosse à velha Mênfis, passasse para a Palestina, visitasse a Mesopotâmia, conhecesse com seus olhos onde fora Persépolis, seguisse até a Bactriana de outrora e se entranhasse por fim na Índia.⁷⁵

(POMBO, op. cit., p. 52). Porém, mais tarde, o protagonista descobre que Mr. Tissot decide abandonar a sua família e viajar para a Europa com uma atriz: uma verdadeira “*conducta deshumana*” (Ibidem, p. 84).

71 VICTOR, op. cit., p. 70.

72 Ibidem, p. 66.

73 PILOTO, 1953, p. 15-16.

74 CARDIM, op. cit., p. 53-54.

75 VICTOR, op. cit., p. 67.

No romance, da mesma forma, o protagonista destaca as paragens celebradas de Jerusalém, o grande e sonhador povo palestino, as maravilhas imóveis do mundo egípcio, tudo o que conheceria na Pérsia e na China, as solidões misteriosas da África e, por fim, “na sua eterna somnolência de pachiderme pesado e lento” a insondável Ásia.⁷⁶ Petrucello nada mais desejava do que escapar ao mundo moderno.

A decepção de Rocha Pombo reflete-se também no final trágico da obra. Quando o protagonista retorna à Florença, após nove anos de viagens, encontra um cenário surpreendente: D. Catharina era a rica proprietária de uma famosa loja de modas, chamada *Toilette à la parisienne*, enquanto Marietta estava casada com Benedetto Ferrucci, personagem descrito como um “boi” bruto que “fôra feito para ruminar os seus cálculos”, em razão de sua habilidade extraordinária para as atividades comerciais.⁷⁷

Completamente desolado, Petrucello descobre que D. Catharina havia falsificado um atestado de óbito e, com isso, acabou iludindo e convencendo Marietta a se casar com Benedetto, já que seu antigo marido estaria morto. Da mesma forma, vendo que seu pequeno filho, Carlo, estava grande e não reconhecia mais o pai, decide, muito angustiado, seguir a sua viagem para o Oriente, primeiro chegando à Grécia. Simultaneamente, Marietta, descobrindo que Petrucello ainda estava vivo, reacende tanto o amor que sempre sentiu por ele quanto o sentimento de desilusão diante de sua família e daquela sociedade.⁷⁸

Porém, em um ataque de fúria e ciúmes, Benedetto assassina Marietta. Petrucello, quando soube da notícia, caído em um abatimento mortal, acaba falecendo em Atenas, logo após dizer as suas últimas palavras: “Mas o Oriente... está tão longe...”.⁷⁹

Rocha Pombo percebeu, então, o resultado do embate entre os valores burgueses, representados em D. Catharina e Benedetto, e o sentimento profundo de exílio, visto em Petrucello e Marietta. A modernidade não deixava espaços para quem se sentisse deslocado.

3. MOVIMENTO ANARQUISTA E A CIDADE DOS HOMENS

Depois de publicado *Petrucello* em 1892, Rocha Pombo, desiludido com os militares, a República e os valores burgueses, decide mudar-se para o Rio de Janeiro no ano de 1897. A

⁷⁶ POMBO, op. cit., p. 92.

⁷⁷ Ibidem, p. 56-57.

⁷⁸ Ibidem, p. 100.

⁷⁹ Ibidem, p. 104-105.

partir deste momento retoma a carreira profissional com o jornalismo e o magistério,⁸⁰ ao mesmo tempo em que passa a se dedicar à produção de manuais sobre a história do Brasil.⁸¹

Em razão da rede de amizades que possuía com os escritores paranaenses e do reencontro com Nestor Victor, seu antigo amigo, insere-se no movimento literário do Rio de Janeiro⁸² e, a partir de então, começa a entrar em contato com as ideias anarquistas, por exemplo, por meio de um grupo de literatos composto, dentre outros, por Elísio de Carvalho, Gustavo Santiago, Maximino Maciel e Hemetério dos Santos.⁸³

Porém, o movimento anarquista no Brasil, com o início da República, sofria graves repressões. José Murilo de Carvalho assinala que, durante o governo de Floriano Peixoto, foram expulsos 76 estrangeiros que chegaram no país, dentre os quais, 36 por crimes políticos e 19 sob acusação expressa de anarquismo. No período, para que as deportações se concretizassem, bastavam a solicitação do chefe de polícia e um simples decreto presidencial.⁸⁴

Por conseguinte, o regime republicano excluía sistematicamente a participação popular, sendo que o Rio de Janeiro, por exemplo, marcava-se pelo aumento da segmentação social, o que era perceptível pela próprio distanciamento espacial entre os setores da população na cidade.⁸⁵

Nesse contexto, o movimento anarquista, composto por intelectuais de classe média e líderes operários,⁸⁶ ganhava forças na medida em que repudiava qualquer tipo de autoridade e defendia um conceito amplo de cidadania.⁸⁷ Assim, ainda que os militares agissem de modo autoritário no país, havia espaços de resistência.

80 BEGA, op. cit., p. 93.

81 A título exemplificativo, entre os anos de 1905 e 1917, Rocha Pombo publicou a obra *História do Brasil* em dez volumes, sendo que esta alcançou grande circulação no período, com diversas reedições até o início da década de 1970 (OLIVEIRA, R. E. **O Brasil imaginado em José Francisco da Rocha Pombo**. Goiânia, 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015, p. 39).

82 Ibidem, p. 92.

83 Nestor Victor constata a pluralidade de ideias deste grupo a partir da descrição de seus principais integrantes: “(...) um nitzscheniano e, não obstante, ao mesmo tempo, socialista, que é Elísio de Carvalho; (...) um simbolista nefelibata de há pouco tempo, que é Gustavo Santiago (ora um tanto propenso a estudos geográficos e históricos, desde que entrou para a Sociedade de Geografia); um filólogo e gramático liberal, que é Maximino Maciel; outro também gramático, pedagogo e polemista, que é Hemetério dos Santos (...)” (VICTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. Vol. I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969, p. 401).

84 CARVALHO, 2013, p. 23-24.

85 Ibidem, p. 41.

86 Ibidem, p. 25.

87 Ibidem, p. 58.

Por exemplo, no interior do Paraná, na cidade de Palmeira, em abril de 1890 criou-se a Colônia Cecília, experiência anarquista liderada por Giovanni Rossi – militante italiano – que, já no ano seguinte, possuía uma população de aproximadamente 250 pessoas.⁸⁸ Nela, implantou-se a propriedade comum da produção, em que tudo era repartido de acordo com as necessidades de cada um, sem que fosse necessária a criação de regras.⁸⁹

Entretanto, devido à perseguição política e ao preconceito que sofriam os moradores, assim como em razão dos efeitos negativos da Revolução Federalista (1893-1895), a Colônia Cecília, em 1894, teve seu fim.⁹⁰

Rocha Pombo, no ano de publicação de *Petrucello*, em 1892, defendeu no jornal *Diário do Commercio*, na edição de 22 de dezembro, o líder desta experiência quando afirmou que “acha-se à frente de seus confrades o digno Dr. Giovanni Rossi, home ilustrado, prudente e incapaz de concitar os colonos a qualquer distúrbio”.⁹¹ Assim, trata-se de indício que demonstra que, já no início da década de 1890, enquanto ainda morava em Curitiba, o escritor se aproximava dos militantes anarquistas.

Também preocupado com a instrução da população, este movimento político procurava construir espaços de saber onde as classes trabalhadoras pudessem adquirir conhecimento para conquistar a liberdade e empreender uma verdadeira revolução social.⁹²

Nesse sentido, envolvido com o magistério e após bacharelar-se em 1912, Rocha Pombo passou a lecionar História Geral na Universidade Popular do Ensino Livre, projeto de cunho socialista idealizado por Elísio de Carvalho, no Rio de Janeiro, em 1904, que contava com outros participantes, como Curvelo de Mendonça, Felisbello Freire, Fábio Luz e Pedro do Coutto, que, por sua vez, também frequentavam os grupos literários da cidade com os quais o paranaense entrou em contato assim que nela passou a morar.⁹³

88 VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso**: contribuição ao estudo do Anarquismo em Curitiba, 1890-1920. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992, p. 84.

89 Ibidem, p. 85.

90 Ibidem, p. 86-87.

91 AMÉLIA, op. cit., p. 204.

92 VALENTE, op. cit., p. 21.

93 Francisco Hardman assinala que este grupo representava a união de intelectuais “dissidentes no interior da pequena burguesia do Rio de Janeiro”, que se caracterizavam por uma formação eclética, já que liam “Comte, Spencer, Darwin, Zola, Carlyle, Ruskin, Gorki, Kropotkin, Tolstói, Proudhon, Stirner, Nietzsche, Mirbeau, Bakunin, Reclus etc.”; posicionavam-se, assim, à favor de “um individualismo que se desdobrava desde uma visão materialista até um certo espiritualismo místico”. (HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil)**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 123-124). Nesse sentido, estes intelectuais são considerados como “anarquizantes”, visto que, “se por um lado, não estão

Contudo, o movimento enfrentava a repressão republicana que acabava por silenciá-lo diante de grande parcela da população. O discurso oficial do Estado, dominado pelas elites, não abria espaços às perspectivas de contestação, consideradas frequentemente rebeldes e perigosas. A título exemplificativo, segundo a pesquisa realizada por Silza Valente nos Anais da Câmara de Curitiba e da Assembleia Estadual, no período compreendido entre 1890 e 1920, não houve qualquer debate a respeito da atuação do movimento anarquista no Paraná, inclusive em relação à expressiva experiência da Colônia Cecília.⁹⁴

Diante deste contexto excludente, Rocha Pombo se aproximava aos poucos dos anarquistas, seja em Curitiba pelo contato com os ocupantes da Colônia Cecília, seja mais tarde no Rio de Janeiro em suas aulas na Universidade Popular.⁹⁵ Maria Tarcisa Silva Bega, nesse sentido, relata que Nestor Victor reconhecia no paranaense um “ficcionalista de tons anarquistas, resultado da imbricação de suas convicções político-filosóficas primeiro com as lideranças anarquistas da extinta Colônia Cecília e mais tarde no convívio com os socialistas do Rio”.⁹⁶

Dessa forma, em 1891, enquanto escrevia *Petrucello*, o autor já demonstrava indícios de suas perspectivas políticas que, no futuro, iriam se vincular mais diretamente às concepções anarquistas.

No romance, enquanto morava no Rio de Janeiro, o protagonista decide criar mais uma obra, denominada *Cidade dos Homens*. A partir dela, imaginou uma nação moderna dirigida por homens sábios que, tomados pelo “espírito do século”, haviam abolido a figura de Deus por se tratar de um “absurdo affrontoso á dignidade humana e inutil aos interesses sociaes”. Assim, confiantes de que a sociedade estaria bem organizada apenas com a confecção de leis sábias e baseadas nos princípios científicos, desejavam que todas as relações humanas se baseassem na ordem e no progresso.⁹⁷

enraizados de forma plena no movimento operário e nas lideranças ali produzidas, constituem, entretanto, porta-vozes mediatos dos ideais anarquistas e elementos dissidentes e radicais na sua recusa dos discursos dominantes” (Ibidem, p. 116).

94 VALENTE, op. cit., p. 7.

95 Para Francisco Hardman, a ligação de Rocha Pombo com o grupo de intelectuais anarquistas do Rio de Janeiro se confirma também, por exemplo, pela identificação de “simpatias difusas pelos libertários nas suas crônicas jornalísticas reunidas em *Contos e Pontos* (1911): ali, misturam-se artigos contra a ‘tirania russa’ (czarismo) e favoráveis ao ‘povo russo’, a propósito da Revolução de 1905; um artigo contrário à lei de expulsão de estrangeiros; e um texto endereçado ‘A um operário’, onde reaparece um pedagogismo autoritário em torno da velha tecla da ‘falta de consciência das massas’ (HARDMAN, op. cit., p. 132).

96 VICTOR, op. cit., p. 433.

97 POMBO, op. cit., p. 63.

Porém, percebeu-se que as leis não eram cumpridas. O poder competente, então, estabeleceu um decreto que previa que “todo o cidadão era obrigado a respeitar e cumprir as leis”, aplicando penas para os que deixassem de cumpri-las. Da mesma forma, às autoridades que aplicavam as leis também foram previstas graves penas.⁹⁸

Em seguida, foi criado um “Grande Concelho ou Tribunal Supremo” para julgar as autoridades incumbidas de aplicar a lei penal, mas, após algum tempo, este órgão sofreu duras críticas das autoridades que eram julgadas, as quais o acusavam de violências e injustiças. Surge, então, um “demagogo terrível” que propôs instituir como “poder soberano, irrevogável, um grande comício em que tomariam parte todos os cidadãos que se mostrassem aptos, segundo certas normas”.⁹⁹

Ocorre que os incumbidos de formar este grande comício permitiam o ingresso somente dos cidadãos que lhes pareciam mais dignos, excluindo grande parte da população. Nesse contexto, alguns dos homens sábios, “consultando o seu patriotismo e obdecendo aos altos interesses da patria”, decidiram implantar uma ditadura em prol do bem de todos e em nome da ciência.¹⁰⁰

Contudo, ainda havia instabilidade social e “ninguém mais importava-se com as leis; não havia mais confiança em coisa alguma, e lavrava desenfreada a mais repugnante das corrupções”. Outros grupos de homens sábios, assim, conquistaram à força o poder e a nação se afundava em um estado de calamidade.

Eis que surge, de repente, um estrangeiro que diz a todos:

Vós nunca chegareis a realizar o que desejais si não voltardes d’esse caminho errado que tomastes. Cuidais muito da lei e fallais muito em liberdade, quando a unica cousa que vos falta é Deus. Aprendei a crer com verdadeira fé e sereis homens sãos. Sêde homens sãos e sereis afinal povo feliz e livre, porque a liberdade que faz livre e feliz não é a que está consagrada na Lei, mas a que existe na consciencia de todos os cidadãos.¹⁰¹

O estrangeiro sugere que as pessoas amem o bem, a verdade e a justiça, que representariam a forma de se alcançar Deus em sociedade, e a partir de então o povo passou a melhorar e o governo tornou-se mais fácil. Não havia necessidade da lei penal, porque a

98 POMBO, loc. cit.

99 Ibidem, p. 64.

100 POMBO, loc. cit.

101 Ibidem, p. 65.

própria consciência de cada pessoa passava a conter os abusos de força e as opressões, afinal “é preciso que o homem seja bom para que boa se torne uma sociedade”.¹⁰²

Petruccello, assim, sustenta uma sociedade consciente de seu destino e sobre a qual Deus imperaria, visto que percebeu que, nas sociedades modernas, o homem era cego pelas disputas de poder, pelos gozos e pelas honrarias, o que levava a “dissenções horrorosas e crimes inauditos”. Ele afirma:

Quando Paulo tiver fortuna, Pedro, que é pobre, ha de odial-o. Quando Pedro fôr governo, Paulo conspirará: e ficai bem certos de que no momento em que Paulo passar a exercer o poder, serà Pedro o conspirador. O mundo está reduzido a isto. Os homens perderam o Oriente e divertem-se no caminho...¹⁰³

Nesse sentido, a utopia *Cidade dos Homens* traz indícios de que Rocha Pombo, ainda no final do século XIX, já começava a simpatizar com os ideais anarquistas no país. Embora se vinculasse a perspectivas religiosas,¹⁰⁴ como se nota por meio da posição central que Deus assume no êxito da sociedade fictícia, o paranaense reforça a desnecessidade do Estado e da lei penal para a constituição das relações humanas.

Em outro momento do romance, ele escreve:

(...) da crise em que se acha o espirito humano neste fim de seculo ha de nascer por força, como mais racional e mais logica, a tendencia, que já se constata mesmo em alguns pensadores, para attenuar o mais possivel a influencia do Estado, si não fôr cousa que se possa conseguir a eliminação d’essa influencia.¹⁰⁵

Este Estado, portanto, intimamente atrelado às relações de poder e prestígio, governado por elites que perseguem o lucro a todo custo e que estão dispostas em rígidas classes sociais, torna-se dispensável em uma sociedade que, efetivamente, exista em prol dos interesses coletivos.

Sendo assim, a utopia criada pelo protagonista traz semelhanças com o contexto republicano do período. Antes da chegada do estrangeiro, que propõe uma sociedade baseada na liberdade de consciência de cada cidadão, existia um governo que, fundado no bem-estar social e no patriotismo, acabou estabelecendo uma ditadura autoritária que, por sua vez, causava ainda mais instabilidade social.

102 POMBO, loc. cit.

103 Ibidem, p. 66.

104 Nestor Victor, em 1906, quando relatou a proximidade entre Rocha Pombo e os anarquistas do Rio de Janeiro, considerou-o um “espiritualista, cristão e algo espírita” (VICTOR, op. cit., p. 401).

105 POMBO, op. cit., p. 27.

Rocha Pombo nada mais fez do que utilizar a ironia para tratar deste regime, já que decide chamar os seus governantes de homens sábios e filósofos, quando, na verdade, oprimiam a população sob os signos da ciência, da ordem e do progresso. Portanto, ao tratar da *Cidade dos Homens*, inserido no autoritário contexto da República, encontra na literatura um refúgio para o nascente posicionamento político que passaria a adotar anos mais tarde, no Rio de Janeiro, já no século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, pretende-se demonstrar que um romance, ainda que possua caráter fictício, pode dar importantes contribuições à historiografia, visto que, quando um romancista inventa suas personagens, traz da realidade o combustível para a sua imaginação; esta invenção, por isso, “mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca”.¹⁰⁶

Nesse sentido, com base no método apresentado por Barbara Tuchman para se estudar uma narrativa, ou seja, se um detalhe nela exposto “se harmoniza com o que sabemos da época, do lugar, das circunstâncias e das pessoas, é aceitável; se não se ajusta, não é”,¹⁰⁷ acredita-se que *Petruccello* traz luz à compreensão do processo histórico que envolveu a consolidação do regime republicano no Brasil.

Quando Rocha Pombo escreveu o romance em 1891, vivia tempos difíceis: isolado politicamente e afastado das elites locais, sentia-se decepcionado com a instauração de um regime político que, embora tivesse defendido na imprensa inicialmente, havia se perdido na ambição de poucos militares que passaram a comandar o país. As frustrações advinham, por isso, de sua realidade individual e do mundo que o cercava.

Na reclusão literária, refletiu a respeito da exclusão sofrida pelas camadas populares com o advento da República e, com ela, dos militares e do exército, assim como sobre os valores capitalistas em ascensão que criaram uma atmosfera de verdadeira competição predatória em busca do lucro. Por fim, talvez como um sonho distante, imaginou uma sociedade igualitária, sem Estado e sem classes sociais.

106 CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970, p. 69.

107 TUCHMAN, Barbara. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 34.

Com o uso recorrente de reticências ao longo do livro, o escritor parece fazer um convite à reflexão, como se dissesse que aquele contexto histórico em que vivia ainda não estava plenamente assimilado, que demandaria tempo e paciência para a sua compreensão. A pesquisa, aceitando este convite, por meio da literatura buscou o estudo dos mundos periféricos que, apesar da nascente República, tentavam sobreviver.

REFERÊNCIAS

BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

CARDIM, Elmano. **Rocha Pombo, o Escritor e o Historiador**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Jornal do Comércio S. A., 1958.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil)**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira: o simbolismo (1893-1902)**. Vol. IV. São Paulo: Cultrix, [20--].

MURICY, José Cândido de Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 2 ed. Vol. I. Brasília: Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973.

_____. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 2 ed. Vol. II. Brasília: Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973.

OLIVEIRA, R. E. **O Brasil imaginado em José Francisco da Rocha Pombo**. Goiânia, 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

PILOTO, Valfrido. **Morretes e Rocha Pombo**. Morretes: S. Cavagnolli & Cia. Ltda., 1983.

_____. Valfrido. **Rocha Pombo**. Curitiba: Gráfica Mundial Ltda., 1953.

_____. Valfrido. Rocha Pombo, testemunha ocular da História. In: **Profanações**. Curitiba: Gráfica Condor, 1947.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)**. Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo: o Paraná inventado**; cultura e imaginário no Paraná da I República. 2 ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 29.

POMBO, José Francisco de Rocha. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Melhoramentos, [20--].

_____. **Petrucello**. Curitiba: Typ. da Companhia Impressora Paranaense, 1892.

_____. **Para a história**. Curitiba: Fundação Cultural, 1980.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil**; Colônia e Império. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUELUZ, Gilson Leandro. **Rocha Pombo: Romantismo e Utopias (1880-1905)**. 1994. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TUCHMAN, Barbara. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso**: contribuição ao estudo do Anarquismo em Curitiba, 1890-1920. 1992. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

VICTOR, Nestor. **Obra crítica de Nestor Vitor**. Vol. I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

_____. **Obra crítica de Nestor Vitor**. Vol. III. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.